

Família e inconsciente¹

CARMEN GALLANO

No princípio da Psicanálise, família e inconsciente se revelaram intimamente ligados. Quando Freud se entregou à decifração do inconsciente, os neuróticos descobriram que “levavam suas famílias” em seus inconscientes e o saber do inconsciente trazia à luz “secretas histórias de família”, discordantes dos ideais sociais representados por elas.

O drama da neurose, cujos sintomas Freud descobria cifrados no inconsciente, aparecia como um drama familiar a que esses sintomas estavam presos. Recordemos, por exemplo, que família traziam em seu inconsciente Dora e o Homem dos Ratos: as queixas de Dora em relação a seu pai, os temores do Homem dos Ratos da morte do seu pai, mostrarão, no saber do inconsciente que, em suas famílias, matrimônio e desejo se dissociavam. O pai de Dora deseja a Sra. K, e o marido dessa senhora deseja Dora, filha de um grande amigo. O pai do Homem dos Ratos casou-se por dinheiro, abandonando a mulher pobre e desejada, além de ter feito trambiques com o dinheiro do regimento. Pois bem, são essas as histórias familiares descobertas por Freud nas determinações dos sintomas histéricos de Dora e nas idéias e dúvidas obsessivas do Homem dos Ratos.

Ao longo de um século de história da Psicanálise e de sua clínica, mostra-se incessantemente o laço entre sintoma, inconsciente e história familiar. Ao se queixar de seus sintomas, o neurótico começava a queixar-se de seus pais e a desvendar o que não funcionava no casamento deles. De fato, ainda hoje, quando um sujeito apresenta ao analista seu mal-estar, seus sintomas, porém não os relaciona com sua história familiar, quando diz entender-se bem com seus pais e não afetá-lo o que acontece entre eles, o analista tende a ver pouca oportunidade para uma análise, seja porque o gozo do sintoma não se conectaria ao saber do inconsciente, seja porque o sujeito mascara com ideais a falta no Outro parental.

Os analistas pensam que esses sujeitos não querem saber nada do seu inconsciente, baseando-se no fato de os pacientes

¹ Conferência de abertura do VIII Encontro da EPFCL – Brasil, em 15 de novembro de 2007, Aracaju

não verem a relação entre seus sintomas e o que falha na estrutura familiar, no par conjugal dos pais. Têm razão apenas em parte, pois na clínica atual do sujeito contemporâneo é cada vez menos freqüente os neuróticos queixarem-se de um gozo sofredor e, automaticamente, de seus pais. Nem por isto seus sintomas deixam de estar ligados a um inconsciente. Lembro-me de uma menininha de oito anos que me dizia: “A psicóloga de antes só sabia me perguntar por meus pais, como se eles tivessem a ver com meus medos, meus pesadelos e dores de barriga, motivo pelo qual falto ao colégio. Não é, disse-me, eu estou mal desde que vi na TV o Dutroux.”² Dutroux, em sua língua, o francês, soa exatamente igual a “*du trou*”, que significa “do buraco”. Logo começou a falar de seus pais, porém não de uma falha no vínculo de amor na relação entre eles, e sim do buraco negro que encarnava a tristeza de sua mãe por estar longe de sua própria mãe, residente longe da Espanha.

O certo é que, seja o neurótico clássico ou o contemporâneo, nós, analistas, iremos ouvi-lo falar o tempo todo de seus pais e da parentela próxima. Retorna sempre a eles na elaboração de seu inconsciente.

Em 1975, na Universidade de Yale, Lacan dizia aos americanos: “O analisante fala de um modo cada vez mais centrado, centrado em algo que desde sempre se opõe a *pólis*, a saber, sobre sua família particular. A inércia que faz com que um sujeito não fale senão do papai e mamãe é um assunto curioso”.³

Esse “assunto curioso” chocou a Rodney Needhaw, antropólogo, e levou-o a questionar a concepção de parentesco de Levi-Strauss e alunos. Em seu livro “O parentesco em questão”⁴, Needhaw afirma não haver universal que defina nem o parentesco nem as alianças matrimoniais, nem o incesto. Não tenho tempo de citar aqui as teses bem interessantes de Needhaw; direi, em resumo, ser o defensor de que a única coisa em comum na diversidade de casos particulares de filiação e alianças é o fato de a humanidade, para organizar as variedades de famílias, dispor do recurso de explorar as possibilidades da lógica significativa.

Para Needhaw, o parentesco não existe, é somente uma hipótese deduzida a partir do que está aí: é a transmissão dos direitos de uma geração a outra. Parentesco e universal da família, segundo Needhaw, resultam, dito em termos de Lacan, do princi-

² Marc Dutroux, assassino belga, que nos anos 90 do século XX estuprava e assassinava crianças e depois as enterrava em seu jardim.

³ Lacan. *Conférences Américaines* (1976, p.44).

⁴ Needhaw. *La parenté en question, onze contributions à la théorie anthropologique* (1977).

pio do simbólico. E Needhaw supõe não haver nenhuma unidade para formalizar as múltiplas articulações de saber.

Lacan se interessou pela posição de Needhaw⁵ justamente pelo que, na lógica, surpreende a Needhaw: os analisantes não param de falar de seu parentesco próximo, por causa do relativismo cultural das formas de aliança e parentesco recolhidas pelas pesquisas etnográficas. Então, há uma constante na experiência do inconsciente dos analisantes: a única família demonstrável em sua existência é uma família particular, o lugar de inscrição das origens de sua vida em uma história, e de sua existência subjetiva presa a um Outro falante que o antecede.

Um primeiro ponto a sublinhar é não haver homologia entre inconsciente e parentesco; não há homologia entre a família na qual um sujeito se inventa um destino e o saber do seu inconsciente. A família definida na ordem social varia na história e nas culturas.

A única família que conta para um sujeito é aquela em que ele, como sujeito, contou. “Se conta” no duplo sentido em espanhol: de se incluir em um cálculo e de se narrar. Do Outro familiar em que o sujeito se conta, ou interroga como conta, é que se lamentará de “não contar para esse Outro”, de ser tido como “menos”, conta-se como faltante nos significantes do Outro. Propriamente, como sujeito “não identificado”. Ou, então, se abaterá de “contar tanto” nos ditos do Outro familiar que sempre se verá anulado neles e na solicitação do Outro. Ou se sentirá ignorado pelo dizer do Outro, reduzido a objeto de indiferença, recusa ou apropriação.

A família configura a filiação e a inscrição social de um sujeito na cadeia das gerações, mas pode ser ou não conforme as normas que identificam, no social, o ser “normal” da criança em uma dada coletividade. Porém as rupturas subjetivas, alojadas no inconsciente de cada um, são alheias a essas formas sociais da família, como já o vimos com Dora e o Homem dos Ratos. Assim, a “anomalia” da estrutura familiar inscreve-se no inconsciente, e dá-se tanto nas famílias que respondem aos ideais sociais, como nas consideradas “atípicas” ou “marginais”. Aqui, interessa-nos o problema exposto nas teses de Lacan em “Complexos Familiares”. Ele faz depender “a grande neurose contemporânea” da condição da família e do declínio da “imagem social” do pai.⁶

⁵Lacan. O seminário, livro 24, *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, aula de 19/04/197.

⁶ Lacan. Os Complexos familiares (1938/2003, p. 89).

Essa coalescência, vista por Lacan em 1938 entre “a imagem social” do pai e a função do Pai no Complexo de Édipo Freudiano, levou-o a dizer que o Édipo é relativo apenas à “família paternalista” e a teoria da família de Freud mantém-se só na figura do Pai como lei interditora do incesto, para situar uma genealogia do desejo no complexo de castração.

Muitos anos depois, em “O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise”, Lacan resolverá esse impasse. Volta a ocupar-se do Édipo, para extrair do mito sua estrutura.⁷ Verá o complexo de Édipo como “estritamente inutilizável na interpretação psicanalítica, salvo esse grosseiro lembrete do valor de obstáculo que a mãe tem para todo investimento de um objeto como causa do desejo.”⁸

No capítulo seguinte do mesmo seminário, Lacan especificará que não é que o Édipo não sirva para nada, mas dele interessa extrair a função do falo, esse “falo em potência” que impede “a boca de crocodilo do desejo da mãe de se fechar perigosamente sobre a criança.”⁹ Lacan reduz toda a elaboração anterior do Édipo a isso: metáfora paterna. Não é o “falo” da autoridade que manda e proíbe, é a simbolização do sexo em um significante fora do corpo da criança. Assim, a função do pai, que Lacan, já psicanalista dos anos 50-60, havia extraído do Édipo, desfazia a confusão entre a função social do pai e a função de transmissão do falo de pai para filho, resguardando o sujeito da obscura incógnita do desejo materno.

Na família moderna do início do século XX, reduzida à família conjugal, o pai de família já não era um mestre, como o pai de família da *polis* grega, mas um trabalhador a serviço da família, fosse burguês ou proletário.

E no saber inconsciente dos neuróticos, a função do pai limita-se ao que Lacan definiu em “Uma questão preliminar...”¹⁰ como “o significante que situa o lugar da lei no Outro do significante”. Uma lei que barra, cobre o enigma do desejo da mãe, para fazer vir, no lugar da falta do Outro, a significação do falo. Então o Nome-do-Pai como significante é a lei da castração significada no imaginário do sujeito.

Agora sim, esse Nome-do-Pai, significante da lei no Outro, é correlativo do desdobramento do inconsciente do neurótico como “discurso do Outro”, discurso do inconsciente como cadeia

⁷ Lacan. O seminário, livro 17, El reverso del psicoanálisis (1970/1992).

⁸ *Ibid*, p.113.

⁹ *Ibid*, p.129.

¹⁰ Lacan. Una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis (1955-56/1971).

significante articulada: S1→S2. Desse modo, o simbólico da linguagem, em seus efeitos de inconsciente, faz do vivente da espécie humana um sujeito do significante. Trata-se de um inconsciente-saber que não é a-histórico - o que testemunha a histórica – pois tramado nas pegadas dos ditos do Outro Familiar, por onde, em um dado momento do discurso, não alheio a uma situação social, afetou a criança de diversas maneiras.

Porém o inconsciente não é somente o saber, com efeito de significação: é verdade que fala – eminente portadora disso é também a histórica – nas falhas e nas discordâncias do saber. Fala como a esfinge, em um meio-dizer enigmático. O inconsciente-verdade se faz valer nos sintomas, os quais impedem o sujeito de ser um mestre, de fazer-se idêntico a um significante. E se a família presente no inconsciente do neurótico é uma “família falida”, não nos indica que o inconsciente introduz a discórdia na família? Inclusive Lacan dirá em “Televisão”:

“Mesmo que as recordações da repressão familiar não fossem verdadeiras, haveria que inventá-las e não se deixa de fazê-lo. O mito é essa tentativa de dar forma épica ao que se opera da estrutura. O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam o impossível de onde ele provém. Não digo que essas ficções são imaginadas, leio nelas, como Freud, o convite ao real que responde por isso. A ordem familiar não faz senão traduzir que o pai não é o genitor e que a mãe permanece contaminando a mulher para o filhote do homem.”¹¹

¹¹ Lacan. Televisão. (1974/1993, p.57).

Assim, a família que o neurótico carrega em seu inconsciente é uma “família- ficção” - mito individual inventado entre o simbólico e o imaginário como trama de um fantasma. E o fantasma é o suporte e tela para esse real indizível, que faz buraco no saber, a “maldição sobre o sexo” inerente à sexualidade humana. Porém o sintoma, enquanto resiste a seu deciframento no saber do inconsciente, traça a via do seu próprio laço com o inconsciente como realidade sexual e não como discurso de Outro. É esse o conceito de inconsciente elaborado por Lacan no Seminário XI, em 1964.

¹² Lacan. O Seminário, livro 11, los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis (1969/1973, p.147).

O indizível no inconsciente, fale ou não o neurótico de seus pais, é sua realidade sexual, libidinosa, que faz do desejo o “resíduo último do efeito do significante em um sujeito”.¹² O desejo é certamente presença de algo vivo no humano, inacessível no significante e, no imaginário, não expressa nenhuma significação.

O desejo, inerente à realidade sexual do inconsciente, é “a vida secreta das palavras” – tomo essa expressão do filme de Isabel Coixet – e é feita de íntimos silêncios e sussurros, no blablablá mundano que nos ensurdece. Desde o Seminário XI, Lacan situa o inconsciente como uma hiancia, entre o real e o simbólico, entre o que do vivo é inapreensível pela palavra e o que do sujeito se funde no Outro do Significante.

A vida secreta das palavras tem assim sua raiz no bater da pulsão esburacando o corpo. É, por exemplo, o que a bulimia de histeria faz subir sobre a cena sem palavras, só engolindo e vomitando, porém, às vezes, como *acting-out* para chamar as palavras faltantes do Outro, do pai, da mãe, palavras que no final transmitem um desejo não reduzido a uma ânsia de objetos.

Porém, como nomear um desejo presente nos significantes mas indizível? Como humanizar um desejo em um corpo marcado pela experiência do gozo das pulsões parciais que transpassam o sujeito? Essa questão é determinante para o corpo de uma criança não se reduzir ao a-humano de um objeto de gozo. Lacan oferece uma resposta a tal pergunta quando propõe uma função do Nome-do-Pai ligada ao desejo, pois a significação do falo, na metáfora paterna, transfere o valor do gozo do que falta no desejo materno a esse falo que a criança não é e não tem. Justamente por não o ser, o neurótico imagina-se como a eterna criança para o Outro. O desejo fálico, significado na mãe pelo Nome-do-Pai, efetivamente humaniza a mãe e libera dela a criança, para que possa ir desejar em outro lugar.

Lacan, com a “Nota sobre a criança”, não reduz a função do Nome-do-Pai apenas à imagética fálica do fantasma de desejo, não a reduz a um objeto imaginário no campo do Outro. Na Nota dirá que, na família conjugal, as funções do pai e da mãe julgam-se de acordo com uma lógica: a do irreduzível de uma transmissão – ordem bem diferente que a da vida segundo as satisfações das necessidades vitais – de uma constituição subjetiva que implica a relação com um desejo que não seja anônimo.

O que é um desejo anônimo? É um desejo indeterminado, errante na metonímia das derivas significantes, um desejo que não se sabe de quem, não encarnado em um vivente particular, um desejo pelo qual nada nem ninguém responde. Por exemplo, no esquizofrênico nada veio nomear o desejo do qual a criança surgiu. Gosto do termo “maternidade incógnita”, de Pierre Bruno, para se referir à “indiferença do desejo materno” no esquizofrênico.

Um dos meus pacientes esquizofrênicos se perde em elucubrações sem fim derivadas do seu fazer com a língua, porém, além disso, tenta encontrar algum laço entre o que chama seus “múltiplos Édipos”. Não é o homem do Anti-Édipo, mas dos “Mil Édipos”. Cito alguns: com sua mãe morta, que perdeu aos três anos e de quem nada se lembra; com a mãe gritona, esposa do pai e irmã de sua mãe; com a comida; com os personagens de Tolkien; com a “virgem da sua imaginação” que o acompanha com suas vozes, a quem só pode comparar com a virgem do povoado do seu pai, de quem o pai é muito devoto. Porém também teve “Édipos” com as meninas da universidade. Seus enamoramentos por essas mocinhas o enlouqueciam, diz ele, pois não sabia se não lhe davam a mínima porque só procurava ser brilhante em informática.

Fica perdido na deriva de seus “Édipos”, os quais nomeiam suas múltiplas tentativas de cifrar um gozo, mas não lhe indicam como engajar-se no mundo, “ter um emprego”; não lhe dão certeza se deve se tornar padre ou não, se cozinha para a mãe ou passeia na rua, olhando o que fazem as outras pessoas. As palavras com as quais joga ao infinito, e às vezes muito ironicamente, não têm segredos para ele, não encontra nelas o segredo da sua vida, o segredo de como desejar algo, de como ser em um desejo determinado.

Sua última ocorrência é renunciar a decifrar o segredo que encerra “O Senhor dos Anéis”, pois não o consegue e isso o angustia sobremaneira. Pensa que deveria escrever uma versão sua na qual os bons e os maus fossem as duas faces de um mesmo personagem. Porém o palavrório que se acelera na cabeça, ele não consegue colocá-lo em uma folha em branco. Não pode escrever, só me falar atropeladamente em sessão.

Esse jovem sofre de um desejo anônimo, sem destino. Ao contrário, o que seria um desejo não anônimo? Diria ser um desejo com assinatura, um desejo ancorado entre a vida do corpo

e o significado das palavras de alguém determinado. Em “Nota sobre a criança”, Lacan tira a consistência da família que, no saber inconsciente do neurótico, é significação de uma história familiar, para situar o Nome-do-Pai como função de mediação entre duas vertentes separadas pelo inconsciente:

- uma vertente é a identificação com o ideal do eu, identificações determinadas no desejo do Outro: significantes com incidência no imaginário do eu ideal. Em resumo, o que o Outro parental espera de seus filhos.

- a outra vertente é a “parte que a criança pega no desejo da mãe”¹³, quer dizer, naquela em que seu ser se faz objeto do fantasma, versão de um objeto pulsional oferecido para saturar a falta materna.

Essa função de mediação “da qual normalmente se ocupa o pai”, certifica uma constituição subjetiva. Se há um homem, o Nome-do-Pai é vetor de uma encarnação da lei no desejo, porém em relação à função da mãe, à medida que seus cuidados levam a marca de um interesse particular, ainda que seja pela via da suas próprias faltas.

Vemos aqui, nessa Nota, Lacan situar que uma constituição subjetiva não se mantém se não foi transmitida em um nó entre pulsão e castração, numa mediação possível sem que o pai se ocupe disso.

Que transmissão está em jogo no que propõe Lacan? Por um lado, em relação ao não anônimo de um interesse dos cuidados maternos, interesse com assinatura, cuja função é recortar o corpo pulsional da criança, marcar o que essa criança é, em particular, no interesse da mãe. Por outro lado, não é transmissão de uma lei no simbólico do Outro, mas de uma lei transformada em “carne”, em um desejo. Transformar-se em “carne” é transformar-se em “causa” libidinosa e também presença no coração do ser, nesse oco íntimo em que habita um sujeito.

O Nome-do-Pai como “encarnação no desejo” difere de uma lei prescrita no saber, ou de uma lei proibitiva, um poder. O “cuidado paterno” esse dizer que liga a lei a um desejo, não é a imposição enfatuada do pai pedagogo ou a da mãe que pretende saber como tem que ser seu filho; não é a feroz imposição de quem se pretenda legislador. Direi ser “uma postura no dizer”, a postura que, no lugar do Outro, seja ou não o pai da criança, abre uma via

¹³ Jacques Lacan. *Nota sobre el niño* (1969/1987).

ao desejo infantil no campo do simbólico, transmissora de um destino ao desejo numa história de seus objetos, que ancore os objetos do desejo no campo do Outro e no vínculo social.

O “cuidado materno” é o que do grito do gozo pulsional faz apelo, interpretando a demanda da criança. Não o que se desentende da vida da criança para somente se dirigir a ela, segundo uma exigência de que a imagem se encaixe com o narcisismo materno.

Uma analisante histérica, afetada por um *trismus* e cefaléias, cura-se desses sintomas quando deixa de conter sua braveza e violência frente àqueles que estão em falta em relação ao esperado por ela: “fico feito uma fera, grito, enraiveço, tudo, desde que não perca, não pague por nada, desde que não passe pelas vias normais”. As vias normais? Interrogo. E ela me diz: “sim, as das palavras, pois para falar aos outros é preciso suportar dizer que alguma coisa nos falta, e que os outros não têm como saber que sentimos falta deles.” Em menina, a única coisa que fazia quando a mãe voltava para casa era vomitar; e em adolescente, roubar os certificados do pai e seus êxitos universitários, guardados por ele em uma gaveta. Quanto ao seu ofício de médica, descobrirá que, sob sua aparência de altruísmo, esconde-se o desejo de “ser intrusivamente a ladra dos segredos dos pacientes”. Acrescenta: “sou um touro disfarçado de mosca morta”. Descobre que sua posição a impediu de ser mãe e aceitar um homem em sua vida. Só poderia ter um companheiro que se submetesse ao poder dela, com quem pudesse gritar a toda hora.

Este segundo momento do ensino de Lacan desfaz o laço família-inconsciente para introduzir numa transmissão o não anônimo de um desejo em um laço triplo: entre o sintoma como verdade, a realidade sexual do inconsciente reportada pela pulsão - e o Nome-do-Pai como portador da lei da castração, em um desejo nomeado através dos objetos que se alojam no campo do Outro; objetos cujo lampejo aparece entre linhas do dizer de uma história.

Vejo que, para Lacan, cada teorização do Nome-do-Pai é correlativa a uma concepção do inconsciente: inconsciente-saber, inconsciente-verdade, inconsciente-realidade sexual.

1º. O saber do inconsciente é um saber inventado para sobreviver. Na *Nota Italiana*, Lacan diz: “O saber do inconsciente

designado por Freud é o que o *húmus* humano inventa para sua perenidade de uma geração à outra, e, agora que foi inventariado, sabemos que isso dá provas de uma imaginação louca.”¹⁴

2º. Inconsciente-verdade, indizível ser de um sujeito no desejo, falha da repetição do que se demanda nela;

3º. Inconsciente portador da maldição do sexo, da irreduzível separação entre o desejo e o gozo, mas humanizador de um corpo vivo, como sujeito particular, diferente de outros, sem comunidade que o iguale a todos os falantes. E esse inconsciente torna irreduzivelmente singular a vida de cada um; faz com que ninguém possa viver a vida do outro; faz a solidão e, ao mesmo tempo, o valor único daquilo que tecemos com nossos desejos no encontro com os outros.

Muito bem, Lacan radicaliza quando propõe que a “produção de um novo corpo falante é efeito da transmissão de um mal-entendido, que o corpo não faz sua aparição no real mais que mal-entendido”.¹⁵ Contra a idéia de Rank do trauma do nascimento, Lacan determina: “Não digo que o verbo é criador, digo que o verbo é inconsciente, ou seja, mal-entendido”. E continua: “A proeza da psicanálise é explorar o mal-entendido com uma revelação que é de fantasma.”¹⁶ Fazer-se humano, então é nascer “mal-entendido”. E ainda: “Sejamos aqui radicais: vosso corpo é o fruto de uma descendência de vossa desdita, resulta disso: que ela nadava ao máximo no mal-entendido. Nadava, pela simples razão de que o ser falante se obstina nisso. É isso que ela vos transmitiu, dando-vos a vida, como se costuma dizer. Herdais isso.”¹⁷

Então, que laço família-inconsciente? Concluamos: só o da transmissão do mal-entendido do verbo, falando em um meio-dizer e sem saber o que diz. O corpo novo do falante será portador da dignidade que humaniza um corpo, na existência do real do inconsciente que é “o mistério do corpo falante”.¹⁸

O inconsciente-mal-entendido é um saber fazer na língua, dá existência a um sujeito que não é espírito puro, mas “impureza” de um gozo que amarra ao inconsciente esse corpo que fala a língua. Esse inconsciente se aloja no nó entre o simbólico da falação, o imaginário do corpo e o real do gozo da vida.

O inconsciente é uma trama que do acaso faz destino, porém sempre morde no corpo. Prova disso são os sintomas, a dimensão real propriamente humana de alguém. Assim, o in-

¹⁴ Lacan. Note Italienne.

¹⁵ Jacques Lacan. *Le malentendu* (10/06/80).

¹⁶ *Ibid.*, p. 08

¹⁷ *Ibid.*, p. 08

¹⁸ *Ibid.*

consciente é “sem família” pois não existe tal papai e mamãe que produzem um corpo novo de falante; o inconsciente ignora os genes que produzem biologicamente um vivo. Porém o inconsciente não é sem falante-ser (*parlêtre*), ele está repartido “em dois falantes, que não falam a mesma língua, dois que não se ouvem falar; dois que não se entendem, mais nada. Dois que se conjuram para a reprodução. Porém de um mal-entendido realizado que o corpo de vocês transportará com a chamada reprodução”.¹⁹

¹⁹ *Ibid.*

Conjurar-se é unir-se em um acordo para atuar juntos contra algo. Não a favor de algo. Contra o quê se conjuram dois ao fazer nascer uma criança? Direi que contra o real, esse real no qual o amor se põe à prova, o real da falta de proporção sexual, que faz irreduzível a capacidade de um ser o outro no sexo. Fazer nascer uma criança não é exorcizar o impossível da relação entre os gozos?

O discurso comum diz que uma criança une um casal, porém seria melhor dizer que a criança nascida habita o lugar da desunião do casal, habita a hiância irreduzível do diálogo impossível entre dois, entre dois sexos.

Mas o amor que une um casal em seu vínculo conjugal não é entendimento? Não, não o é. É somente a mediação do imaginário, cuidador dos meio-dizeres, que não se recobrem. Não há entendimento porque não há enunciação a dois. Há o mal-entendido e ele faz com que ambos continuem falando um ao outro, juntos, porém separados em seu dizer.

O amor faz isso suportável. Porém não é o amor - como dizem a religião ou as novas religiões *new wave* das “políticas da amizade” - o que produz um corpo novo de falante sustentado em um inconsciente. A causa é essa “descendência” do simbólico da língua ao real que morde no corpo, e isso o amor ignora.

Concluirei. O inconsciente é o simbólico que perfura o real, e esse traço de real esburacado pelo inconsciente escapa à forma do corpo, ao ídolo da imagem. Direi que o inconsciente é “mal-dicção do mal-entendido das palavras” habitando a maldição da sexualidade.

Lacan definirá o Nome-do-Pai como pai-função de sintoma, a função de amarrar a falação da língua ao corpo e ao gozo. Esse Nome-do-Pai-sintoma é o nó sustentador do sujeito nesse inconsciente falatório ligado a uma sexualidade que não sabe de dois sexos.

Assim, entre sintomas e angústias, experimentamos que nosso ser é inassimilável ao desejo do Outro pelo qual fomos falado e nosso ser íntimo se joga em um desejo confrontando-nos à insondável condição de ser outro do Outro. Desde Freud, a função do Nome-do-Pai é inerente à hipótese do inconsciente, diz Lacan. E não deixa fazer do Pai um Deus, princípio do simbólico, pois seu fim é bem real: o de manter esse buraco nomeado por Freud como trauma, ao redor do qual damos voltas como sujeitos sustentados por um desejo.

Tradução: Claudia Maria Reina Sanches dos Santos

referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11, los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (1964). Barcelona: Paidós, 1973.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 24, L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, aula de 19/04/197.
- LACAN, Jacques. Os complexos familiares. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques. Nota sobre el niño (1969). In: *El Analítico*. Barcelona: Ed. Correo Paradiso, 1987.
- LACAN, Jacques. Note Italienne. In: *Ornicar?* n. 25. Paris: Seuil.
- LACAN, Jacques. Le malentendu (10/06/80). *Séminaire Dissolution*. In: *Ornicar?* 22/23. Paris: Navarin, 1981.
- LACAN, Jacques. *O seminario, livro 17, El reverso del psicoanálisis* (1969). Barcelona: Paidós, 1992.
- LACAN, Jacques. Una cuestión preliminar a todo tratamiento posible de las psicosis. In: *Escritos*. Madrid: siglo Veintiuno Editores, 1966.
- LACAN, Jacques. *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LACAN, Jacques Yale University. *Conférences Américaines*. In: *Scilicet* 6/7. Paris: Éditions du Seuil, 1976.
- NEEDHAW, Rodney. *La parenté en question, onze contributions à la theorie anthropologique*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

resumo

A partir do Caso Dora e do Homem dos Ratos, evidencia-se que, desde o início da psicanálise, matrimônio e desejo se dissociavam. A partir de exemplos da clínica de Freud e própria, a autora mostra que o laço inconsciente-família faz-se pela transmissão do mal-entendido do verbo.

palavras-chaves

inconsciente, família, sintoma, Édipo e mal-entendido

abstract

Starting from the Case Dora and of the Mice's Man, it is evidenced that from the beginning of the psychoanalysis, marriage and desire dissociate themselves. Starting from examples of Freud's clinic and her own, the author shows that the knot unconscious-family is made by the transmission of the misunderstanding of the verb.

key words

unconscious, family, symptom, Oedipus and misunderstanding

recebido

20/11/2007

aprovado

28/11/2007